

Professor ou Especialista? O Pedagogo e a sua Busca Identitária

Bruno Alves Faria (*)

Introdução

Dados do Censo da Educação Superior de 2010 apontam que o curso de Pedagogia é um dos mais procurados em nosso país, com 297 mil matriculados em modalidade presencial. Este curso já passou por diversas controvérsias, desde a sua criação em 1939. Questões como a aplicabilidade e a definição enquanto um campo de saber científico levou o curso de Pedagogia a ser questionado. Já esteve na iminência de ser extinto e ainda hoje suscita reflexões. Os dados do censo apontam um grande número de pessoas ingressando no curso de Pedagogia.

Diante de tal fenômeno, cabe-nos questionar e refletir sobre alguns pontos-chaves: o porquê, as expectativas, as motivações e se realmente há um entendimento da complexidade desta ciência.

Referidos pontos-chaves de reflexão se justificam em função de observações sobre a falta de compreensão por parte de alguns graduandos em Pedagogia, e de muitos profissionais da área, sobre a definição do curso e o papel profissional do pedagogo.

Compreender as possibilidades e os limites de atuação do pedagogo tornará o exercício profissional mais eficaz e menos nebuloso no que tange à sua concepção epistemológica, além de colaborar para que os futuros egressos não tenham uma falsa visão deste curso.

A partir das contribuições de José C. Libâneo, que afirma que o pedagogo não precisa ser necessariamente um docente, pois a prática pedagógica está para além da docência; contando também com as elucidações trazidas por Pimeta, que sugere que atrelar a Pedagogia à docência é um equívoco conceitual; e fazendo alusão às contribuições de Bzeczinsk, que ratifica a docência como base do pedagogo; proporemos, na sequência, uma breve definição do que é a Pedagogia. Por fim, visamos a discutir a atuação profissional do

(*) Possui graduação em Licenciatura Plena em Pedagogia pelo Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro – ISERJ/FAETEC. O seu trabalho de conclusão de curso foi orientado pela prof^a Dr^a Regene Brito Westphal (ISERJ).

pedagogo. Contudo, vale ressaltar que o foco está na discussão da docência como base profissional do pedagogo.

Não temos a pretensão de esgotar a discussão deste tema, mas sim polemizar a questão que ainda suscita reflexões e embates. Quem é o pedagogo? É possível formar o pedagogo e o docente em cursos distintos? Para alguns especialistas a docência é a base do fazer pedagógico, mas observamos que diante das novas demandas sociais, o educador não deve estar cristalizado no contexto escolar.

A Pedagogia e o pedagogo

Muitos indivíduos não sabem definir o que é Pedagogia e quase que constantemente associam o curso à docência para crianças, aos tradicionais murais, às fantasias que os professores confeccionam em datas comemorativas para os seus alunos. Alguns estudiosos classificam a Pedagogia como ciência, outros não, e com isso esse campo do saber demonstra padecer da falta de uma identidade mais clara. Afinal o que é Pedagogia? Segundo Ghiraldelli (2006, p. 9):

Nos nossos tempos, o termo pedagogia ganha outras conotações. Três tradições de estudos educacionais se responsabilizam pela configuração atual: a francesa, na linha da sociologia de Émile Durkheim (1858-1917), e as tradições alemã e americana, segundo as filosofias e psicologias de Johann Friedrich Herbart (1776-1841) e John Dewey (1859 – 1952).

Para Durkheim, a Pedagogia era vista como utopia educacional. Para Dewey como filosofia da educação e segundo Herbart, uma ciência da educação (Ghiraldelli, 2006). Esta última definição é a linha defendida por grande parte dos pedagogos e estudiosos da área na atualidade. Logo, podemos enxergar a Pedagogia como a ciência que se desdobra para compreender o fenômeno educativo em sua multiplicidade, seja nas instituições escolares e acadêmicas, em sindicatos, organizações não-governamentais ou até mesmo no contexto familiar. Segundo Libâneo (2010, p. 37):

A Pedagogia não é, certamente, a única área científica que tem a educação como objeto de estudo. Também a Sociologia, a Psicologia, a Economia, a Linguística, podem ocupar-se de problemas educativos, para além de seus próprios objetos de investigação e, nessa medida, os resultados de seus estudos são imprescindíveis para a compreensão do educativo. Entretanto, cada uma dessas ciências aborda o fenômeno educativo sob a perspectiva de seus próprios conceitos e métodos de investigação. É a Pedagogia que pode postular o educativo propriamente dito e ser ciência integradora dos aportes das demais áreas. Isso significa que, embora não ocupe lugar hierarquicamente superior às outras ciências da educação, tem um lugar diferenciado.

Pensamos que o ideal não é retratar a Pedagogia no plural, mas sim no singular. Com isso temos: Pedagogia e não Pedagogias, pois utilizando a última terminologia, esta ciência passa a falsa ideia de metodologia, restringindo-se a uma perspectiva redutora. Nesse sentido, arriscamos uma reflexão de que seria mais pertinente designarmos, por exemplo, Pedagogia nos espaços escolares ao invés de Pedagogia escolar; Pedagogia nas empresas, ao invés de Pedagogia empresarial. Ou seja, na verdade pensamos que a Pedagogia é um campo do conhecimento que pode ser definido a partir da sua aplicação em domínios específicos, e não uma forma de abordagem em cada um de seus domínios.

Entendemos que a Pedagogia como um campo de saber que investiga o fenômeno educativo, possui desdobramentos em virtude da dimensão que a Educação possui na sociedade. Falamos então de Pedagogia, ciência que investiga a Educação nos contextos escolar (formal), não-formal e informal. E o profissional habilitado para desempenhar essas funções investigativas, compreender o fenômeno educativo em suas várias dimensões é o pedagogo. Embora pareçam insignificantes para a nossa discussão, as definições e as terminologias são extremamente importantes, pois desconsiderá-las pode redundar em empobrecimento da análise e em dificuldades ao entendimento de um estudo.

O debate identitário na profissão pedagogo: professor ou especialista em educação?

No contexto escolar, pensar a formação do pedagogo alicerçada na docência talvez seja uma reação, em virtude de supostamente muitos profissionais pedagogos desconhecerem os desafios que os professores especialistas (História, Matemática, Geografia, etc.) encontram em sala de aula, gerando um grande mal-estar. Sobre a base da formação do professor ser a docência, Brzezinski comenta:

Essa formação complementar, contudo, deve assentar-se numa formação básica, alicerçada em conteúdos fundamentais indispensáveis ao exercício da profissão. Então, segundo essa concepção de preparo de especialistas e de acordo com a própria natureza do trabalho pedagógico na escola, o educador deverá dominar uma base sólida de conhecimentos que o habilite professor. A formação do professor dotará o profissional de pré-requisitos que se complementarão em momento posterior, para dotá-lo de certos conhecimentos necessários ao desempenho de tarefas específicas que exigem uma formação mais verticalizada. Assim preparados, os profissionais da escola terão condições de articular suas ações, possibilitando o desenvolvimento do trabalho orgânico e coletivo porque possuem uma formação básica comum – todos são professores (1996, p.77).

Já para Libâneo,

Em razão das considerações que se seguem, convém firmar, de início, meu entendimento de que um curso de licenciatura para formar o professor das séries iniciais de 1º grau e do curso de magistério não deveria substituir o curso de Pedagogia. Ou seja, o curso de Pedagogia deve ser distinto do de Licenciatura,

ainda que o pedagogo possa ser também um licenciado, no sentido de que se pode formar um docente no pedagogo (2010, p. 45).

Pautado na premissa da docência como base da Pedagogia, somos levados a questionar: *o Pedagogo será professor de que?* Segundo a Resolução CNE/CP nº 1, de 15 de Maio de 2006, será um professor da Educação Infantil, Anos Iniciais do Ensino Fundamental, das disciplinas pedagógicas para o Curso Normal do Ensino Médio e dos cursos de Educação Profissional na área educacional. Talvez se o pedagogo estiver em sala de aula, ele se torne mais sensível às questões que tangem a dificuldade no exercício do magistério, mas isso não significa que os que não estejam, não sejam. E nos parece que essa proposta de enfatizar a docência, embora o parecer faça menção à atuação em outras áreas que necessitem de conhecimento pedagógico, limita o campo de atuação do pedagogo. No Art. 2º, observamos que a Resolução propõe à formação inicial a docência como premissa – ainda que implicitamente – e as outras áreas de atuação como possibilidades. Constatamos essa inclinação à docência no Artigo 7º, inciso II, quando é estabelecida a carga horária do estágio supervisionado em Pedagogia: trezentas (300) horas, prioritariamente na Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

O Pedagogo não necessariamente precisa tornar-se docente para entender a dinâmica escolar. Basta que esse profissional esteja verdadeiramente envolvido e atuante neste espaço. Segundo Libâneo, o Pedagogo pode vir a ser docente e não necessariamente deva ser. Em nosso entendimento, isso não é condição básica para torná-lo um bom profissional. Não podemos depreciar a formação em Educação Infantil, Anos Iniciais do Ensino Fundamental, e o magistério para as disciplinas pedagógicas, pois é de extrema importância um conhecimento sólido que atenda a esse público, mas entendendo a Pedagogia como Ciência, o pedagogo não deve limitar-se a docência. Conforme Pimenta (2011, p. 33):

Para além de razões históricas, pensamos que a identificação do pedagogo com o docente incorre num equívoco lógico-conceitual. A Pedagogia é uma reflexão teórica a partir e sobre as práticas educativas. Ela investiga os objetivos sociopolíticos e os meios organizativos e metodológicos de viabilizar os processos formativos em contextos socioculturais específicos. Todo educador sabe, hoje, que as práticas educativas ocorrem em muitos lugares, em muitas instâncias formais, informais. Elas acontecem nas famílias, nos locais de trabalho, na cidade e na rua, nos meios de comunicação e, também, nas escolas. Não é possível mais afirmar que o trabalho pedagógico se reduz ao trabalho docente nas escolas. A ação pedagógica não se resume a ações docentes, de modo que, se todo trabalho docente é trabalho pedagógico, nem todo trabalho pedagógico é trabalho docente.

Se fizermos um retrospecto histórico, talvez possamos encontrar algumas pistas para essa relação entre pedagogo e docência nos dias atuais. Segundo Brandão (2006, p. 42 e 43),

De todos estes transmissores de saber vale a pena falar do pedagogo. Pequenas estatuetas de terracota guardam a memória dele. Artistas gregos representaram esses velhos escravos – quase sempre cativos estrangeiros – conduzindo crianças a caminho da escola de primeiras letras. E por que eles e não os mestres que nas escolas ensinavam? Porque os escravos pedagogos – condutores de crianças – eram afinal seus educadores, muito mais do que os mestres-escola. Eles conviviam com a criança e o adolescente e, mais do que os pais, faziam a educação dos preceitos e das crenças da cultura da pólis. O pedagogo era o educador por cujas mãos a criança grega atravessava os anos a caminho da escola, por caminhos da vida.

Observamos em Brandão que o pedagogo era o escravo responsável pela educação das crianças e dos adolescentes na Grécia antiga. Se fizermos uma analogia com a Resolução CNE/CP nº 1, de 15 de Maio de 2006, a questão histórica ganha respaldo ao sugerir uma formação que enfoca principalmente o magistério para a Educação Infantil e os Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Já a licenciatura em disciplinas pedagógicas para o curso Normal do Ensino Médio gradativamente vem perdendo força em virtude de uma política de formação de professores em nível superior.

No artigo 5º, inciso VI da nova Resolução lemos: “ensinar Língua Portuguesa, Matemática, Ciências, História, Geografia, Artes, Educação Física, de forma interdisciplinar e adequada às diferentes fases do desenvolvimento humano”.

Observamos que o graduando no curso de Pedagogia deverá dominar as áreas do conhecimento acima e as instituições terão que contemplar em sua matriz curricular essas disciplinas. Mas, acreditamos que o licenciado em Pedagogia poderá adentrar o espaço do especialista. Por exemplo, existem professores de Artes, formados em curso superior que lecionam em classes de alfabetização. Como resolver esse impasse? Não estaria o curso de Pedagogia repleto de responsabilidades? Mesmo reconhecendo que nem todas as escolas podem contar com a disponibilidade de professores, por exemplo, de Artes e Educação Física, fica difícil que o professor regente tenha que assumir também essa dimensão formativa. Além disso, a formação na graduação fica sobrecarregada com tanta amplitude de áreas para a atuação futura. Para chegar ao nível superior se espera do aluno o domínio de conhecimentos básicos das disciplinas citadas no Artigo 5º, inciso VI da nova Resolução, mas ao sermos tentados em seguir esta linha reflexiva poderemos ser levados ao erro de oferecer “qualquer coisa” para a Educação Infantil e os Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Para uma formação consistente não basta ter conhecimentos prévios. O egresso no curso de Pedagogia deverá ter uma formação consistente em Geografia, Matemática, História, Ciências e Língua Portuguesa e em suas respectivas metodologias de ensino.

No sítio da Internet, Guia do Estudante, temos a distinção entre o bacharelado e a licenciatura:

Para se decidir entre o bacharelado e a licenciatura você precisa conhecer as diferenças básicas entre os dois tipos de graduação. Enquanto um bacharel é formado para atuar de forma mais ampla no mercado, a licenciatura é indicada para quem quer virar professor e dar aula para o Ensino Fundamental e Médio (<http://guiadoestudante.abril.com.br/vestibularenem/bacharelado-ou-licenciatura-697319.shtml>).

Quando o aluno conclui a graduação em Pedagogia ele se torna licenciado, ou seja, professor. Neste trabalho, para facilitar o entendimento do leitor, utiliza-se o termo pedagogo para o indivíduo formado em nível superior no curso de Pedagogia. Mas, se seguirmos os trâmites acadêmicos oficiais, se formos fieis às nomenclaturas, a formação profissional de um indivíduo que conclui o curso de Pedagogia é a licenciatura. Exemplificando, quem cursa bacharelado em História, torna-se historiador, quem opta pela Física, será físico, mas almejando a licenciatura, teremos o licenciado em História e em Física. O indivíduo poderá cursar o bacharelado e a licenciatura concomitantemente, exceto o graduando de Pedagogia.

Nessa inconstância estrutural do curso de Pedagogia, somos levados a questionar o que é ser licenciado neste campo do saber. Segundo os apontamentos atuais é fundamentalmente ser professor dos conteúdos programáticos da Educação Infantil e dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

Valnir Chagas acreditava que os recém-formados no curso de Pedagogia, pós Parecer nº 252/ 69, não estavam aptos para dar conta da complexidade escolar e os docentes especialistas por não possuírem formação em administração escolar, por exemplo, também não atendiam completamente os requisitos para administrar a escola. Com isso temos, desde então, a máxima de habilitar o especialista no professor:

Só a custo se cumpre a prescrição legal de formação específica de diretores e demais especialistas. Estes, quando se observa a exigência, têm habilitação mas não têm a experiência do magistério... Coexistem, assim, duas soluções incompletas e anômalas: de um lado, por exemplo, a do diretor que estudou administração, porém conhece pouco ou nada de escola e de ensino; de outro, a do que traz uma vivência de ensino e de escola, por ser professor, mas ignora os princípios e métodos de administração (Chagas, 1976, p. 102-03 *apud* Pinto, p. 164).

Parece-nos compreensível o questionamento de Chagas, mas entendemos também que é perfeitamente cabível um indivíduo recém-formado não ter as habilidades totalmente desenvolvidas, uma vez que este processo acontece paulatinamente.

Segundo Libâneo é viável a formação de especialistas em Pedagogia e a criação de um curso de formação de professores, senão vejamos:

A faculdade de Educação teria dois cursos distintos: um formaria o pedagogo e o outro licenciados para a docência no ensino fundamental e no 2º grau. O pedagogo obteria especializações através de habilitações, entre elas a de Pedagogia Escolar (desdobrando-se, conforme o caso, nas habilitações convencionais ou outras). O licenciado obteria habilitações para: a) docência no curso de magistério; b) docência das disciplinas de 5ª à 8ª série e 2º grau; c) docência nas séries iniciais do ensino fundamental. Os cursos de formação de professores poderiam receber a denominação de Centro ou Instituto de Formação de Professores (Libâneo, 2010, p. 44).

Observando a citação acima, vemos que o autor refere-se a Pedagogia Escolar, demonstrando, pois, uma visão abrangente do curso de Pedagogia, em que podemos ter: a Pedagogia Escolar, e a Não Escolar, em virtude dos desdobramentos que ela pode tomar para discutir o fenômeno educativo.

Ainda que para muitos seja um retrocesso, acreditamos que seja possível formar o especialista-pedagogo para educação formal e não formal e o professor para a primeira etapa de escolarização em cursos distintos.

A Pedagogia, mediante conhecimentos científicos, filosóficos e técnico-profissionais, investiga a realidade educacional em transformação, para explicitar objetivos e processos de intervenção metodológica e organizativa referentes à transmissão/assimilação de saberes e modos de ação. Ela visa ao entendimento, global e intencionalmente dirigido, dos problemas educativos e, para isso, recorre aos aportes teóricos providos pelas demais ciências da educação. Por sua vez, pedagogo é o profissional que atua em várias instâncias da prática educativa, direta ou indiretamente ligadas à organização e aos processos de transmissão e assimilação de saberes e modos de ação, tendo em vista objetivos de formação humana previamente definidos em sua contextualização histórica (Libâneo, 2010, p. 32-33).

Nesta perspectiva o profissional pedagogo deve compreender a dinâmica da sala de aula, ter conhecimento didático para que ele possa dar suporte aos docentes no contexto escolar, mas talvez não seja mais pertinente pensar em um curso voltado apenas para a escola. Na sociedade atual não cabe mais um profissional cristalizado, enraizado nas instituições escolares. A demanda social atual sugere que tenhamos uma visão global desse profissional multifacetado que ao longo da história sofre um imenso desgaste em sua identidade.

Entre os anos de 1960 e 1980 várias encontros foram realizados para repensar a formação dos profissionais de educação, entre eles a do pedagogo. A mobilização para repensar a Pedagogia estava pautada na visão de que este curso seguia a lógica tecnicista. Entendemos que focar a atuação do pedagogo em diferentes vertentes dentro do espaço escolar não significa necessariamente que o curso está imbuído da proposta do Tecnicismo,

haja vista que esta tendência pedagógica é complexa para adjetivá-la simploriamente. A escola possui uma enorme complexidade e necessita de atores multifacetados. Entretanto, termos um pedagogo somente especialista em educação não nos parece um absurdo, ainda que este não seja docente. A docência não é garantia de qualidade profissional para o pedagogo.

Acreditamos que a Pedagogia – assim como a Matemática, a Biologia etc. – é uma ciência com seu próprio estatuto. Assim sendo, o ideal não é classificar qualquer docente como pedagogo. Posso denominar esse docente como educador, profissional da educação. Acreditamos que o pedagogo pode até optar pela docência, mas ele se debruça sobre o conhecimento mais amplo no campo da educação formal e não-formal.

Considerações finais

O tema proposto ainda gera uma série de questionamentos e os embates estão longe de cessar. Desde o seu surgimento, o curso de Pedagogia traz consigo esse caráter polêmico.

Não há como negar que a Nova Resolução CNE/CP nº 1, de 15 de Maio de 2006, ratifica a proposta da docência como base do educador, ideia defendida por Valnir Chagas na década de 1970 e que perdura até hoje. Essas novas diretrizes deram a possibilidade, ainda que parcial, da caracterização do curso de Pedagogia, trazendo com isso benefícios no sentido de tentar nortear o trabalho desse profissional. Evidentemente que diretrizes possuem esse caráter norteador, mas é importante ressaltar essa questão, uma vez que o curso de Pedagogia trava uma luta histórica por uma busca de identidade.

Ainda que a nova Resolução aponte direcionamentos para a construção do curso de Pedagogia, uma vez que nada está acabado, acreditamos que este documento não supre as lacunas enfrentadas pelos alunos egressos. Mesmo que a raiz histórica conduza-nos a um curso voltado para o ensino e com uma tendência à educação na infância, novas demandas sociais surgem diante deste profissional. Acreditamos na Pedagogia como uma das Ciências da Educação e o pedagogo como o especialista em Educação. Sendo assim, o caráter investigativo e atuante do pedagogo extrapola os muros escolares, uma vez que a Educação não se apresenta apenas na escolarização e a própria Resolução de 15 de Maio de 2006 faz menção a espaços não escolares de ensino, mas pouco direciona para a atuação nestes locais.

Somos inclinados a repensar a formação do pedagogo, atribuindo-lhe habilitações que não sejam voltadas apenas para a docência. Temos a sensação de que perdura a imagem

do professor como um grande missionário e redentor, um ser capaz de resolver qualquer problema.

A Educação sozinha não é solução, tampouco o professor. Eles podem colaborar no despertar de indivíduos críticos, mas não são os grandes responsáveis pelas mudanças sociais. A Educação pode formar ou deformar e o docente pode estar engajado ou não numa proposta emancipatória dos indivíduos. Acreditamos que o curso de Pedagogia ainda carece de uma identidade mais sólida. Falar de identidade não é tão simples quanto parece. Segundo Bauman (2005), em nossa sociedade pós moderna, as identidades são fluídas. Mas, ainda assim, o mínimo de delimitação de um perfil é necessário.

Sempre é bom lembrar que nenhum profissional da educação, seja ele professor ou pedagogo, dará conta plenamente de inserir um indivíduo no meio social, tamanha é a complexidade do viver em sociedade e dos inúmeros atores que são necessários para que isso ocorra satisfatoriamente.

Referências

- BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é educação*. São Paulo, Brasiliense, 2006.
- BRASIL. Lei 9.394 de 20 de dezembro de 1996. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Ministério da Educação e Desporto, Brasília, 1996.
- _____. *Resolução CNE/CP nº 1*, de 15 de Maio de 2006.
- BRZEZINSKI, Iria. *Pedagogia, pedagogos e formação de professores*. Campinas, SP: Papyrus, 1996.
- GHIRALDELLI JR, Paulo. *O que é pedagogia*. São Paulo, Brasiliense, 2006.
- LIBÂNEO, José Carlos. *Pedagogia e pedagogos, para quê?* 12. ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- PIMENTA, Selma Garrido (org.). *Pedagogia e pedagogos: caminhos e perspectivas*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- CIEGLINSKI, Amanda. *Administração é o curso com maior número de estudantes no país*. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/noticia/2011-11-11/administracao-e-curso-com-maior-numero-de-estudantes-no-pais>. Acesso em: 28 de Março de 2012.
- GUIA DO ESTUDANTE. *Bacharelado ou licenciatura*. Disponível em: <http://guiadoestudante.abril.com.br/vestibularenem/bacharelado-ou-licenciatura-697319.shtml>. Acesso em: 10 de Setembro de 2012.

Resumo: O presente artigo é resultado de uma pesquisa bibliográfica sobre a formação, atuação e a identidade profissional do pedagogo, especialmente após a Resolução CNE/CP no 1, de 15 de Maio de 2006, que estabelece diretrizes curriculares para o curso de **Diretoria de Educação Superior/Faetec/SECT-RJ**

Pedagogia. Este trabalho é parte integrante de um trabalho monográfico, apresentado em 2012, no ISERJ, intitulado “A construção da identidade profissional do pedagogo: um discurso inacabado”. A partir das contribuições de Brzezinski (1995), Libâneo (2010) e Pimenta (2011) buscamos refletir sobre a conflituosa questão da docência como base profissional do pedagogo. Em virtude desta grande polêmica, tentaremos compreender se de fato essa concepção é a mais adequada para atender as novas demandas sociais.

Palavras-chave: Pedagogia; Identidade; Pedagogo; Docência.

Abstract: This article is the result of a literature search on the formation, role and professional identity of the teacher, especially after the CNE / CP No 1 of 15 May 2006 establishing curriculum guidelines for the Faculty of Education. This article is part of a monograph, submitted in 2012, the ISERJ, titled "The construction of professional identity of the teacher-speech unfinished." From the contributions of Brzezinski (1995), Libâneo (2010) and Pimenta (2011) we reflect about contentious issue of teaching as the basis of the professional educator. Because of this great controversy, try to understand if indeed this is the most appropriate design to meet new social demands.

Keywords: Pedagogy; Identity; Educator; Teaching.

Recebido em: 15/03/2013

Aceito em: 26/03/2013